

## Desenvolvimento profissional de professores(as) na Educação Superior: entrevista com Eddy Paz-Maldonado

DOI: 10.5965/1984723826602025206  
<http://dx.doi.org/10.5965/1984723826602025206>

Entrevista com:

**Eddy Paz-Maldonado**  
Universidade Nacional Autônoma de Honduras - UNAH

Concedida a:

**Juliano Agapito**  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

**Iris Martins de Souza Castro**  
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Com o propósito de socializar políticas e processos de desenvolvimento profissional docente na Educação Superior, esta entrevista apresenta as contribuições do professor Eddy Paz-Maldonado, docente da Universidade Nacional Autônoma de Honduras (UNAH), que compartilha suas experiências no âmbito da América Latina e permite o estabelecimento de relações com o contexto brasileiro e demais países da América do Sul e Latina.

Eddy Paz-Maldonado atua no Departamento de Pedagogia e Ciências da Educação e, em sua formação, tem realizado estudos no Chile, precisamente o Mestrado em Educação Especial e Psicopedagogia, e na Espanha, na Universidade de Salamanca, o Doutorado em Educação.

Tomando como base de suas investigações o conceito de educação para a justiça social (Silva-Peña; Paz-Maldonado, 2019), Paz-Maldonado atua no âmbito da Educação Superior com vistas à atenção à diversidade e à promoção de um ensino inclusivo. Para tanto, defende um processo de desenvolvimento profissional docente que contemple todas as etapas da carreira, com destaque aos (às) professores(as) iniciantes, com um viés ético e prático que possibilite aos (às) docentes analisar e contribuir com as transformações sociais pelas quais anseiam os países da América Latina.

É enredado nessa perspectiva que se desenrola a conversa com esse docente e pesquisador hondurenho, produzida com o intuito de que suas reflexões possam servir como estímulo para outros(as) professores(as) e pesquisadores(as) que acreditam no poder do engajamento e transformação de uma Educação Superior socialmente referenciada no contexto dos países da América Latina.

**Juliano Agapito:** Professor, enfrentamos algumas dificuldades em nossa busca por pesquisadores(as) da América Latina que pensassem o desenvolvimento profissional e a formação dos(as) professores(as) da Educação Superior, e ficamos felizes em encontrar suas publicações, o que nos deixou ansiosos por conhecê-lo melhor. Sendo assim, gostaríamos de iniciar a entrevista com sua apresentação, para que os (as) leitores(as) do dossiê possam conhecer sua trajetória de vida, acadêmica e profissional. O que o senhor pode nos contar sobre sua história?

**Eddy Paz-Maldonado:** Muito obrigado a todos vocês por convidarem-me a participar desta entrevista que é importante para o desenvolvimento da Educação e do Ensino Superior na América Latina, um contexto com diversas desigualdades, injustiças, exclusões, e no qual nós habitamos. Diante dessa perspectiva, nos colocamos para poder desenvolver uma educação fundamentada na justiça social. Meu nome é Eddy Paz-Maldonado, sou professor da Universidade Nacional Autônoma de Honduras (UNAH), no Departamento de Pedagogia e Ciências da Educação e também minha formação está centrada em um Mestrado em Educação Especial e Psicopedagogia, quando estudei no Chile, e atualmente estou terminando o processo de doutoramento em Educação na Universidade de Salamanca, Espanha.

Desde o ano de 2018, tenho me interessado pela formação dos professores na Educação Superior, especificamente para o que é o desenvolvimento em temas como inclusão educacional, atenção à diversidade, o tema das políticas também, da formação docente, dado que na Educação Superior é complexo porque não se tem levado em conta esse componente formativo, para além da educação pré-básica, básica e média. Atualmente, também me dedico a investigar sobre temáticas ligadas ao que é a formação dos professores para poder desenvolver uma Educação com maior entrega aos nossos países, os quais requerem professores e professoras comprometidos e com responsabilidade com o desenvolvimento da formação. Meu foco, portanto, está centrado nessa perspectiva de como podemos melhorar a docência na Educação Superior para poder efetuar e construir universidades com uma visão mais ampla, em respeito ao que significa abraçar a diversidade.

**Juliano Agapito:** Durante esse percurso, como o senhor construiu o foco de investigação que tem hoje? Como tece sua aproximação com o estudo do desenvolvimento profissional docente, da formação de professores(as) e da docência no Ensino Superior?

**Eddy Paz-Maldonado:** Tem sido uma busca bastante complexa, devido ao fato de que a formação dos professores na Educação Superior é um elemento não tão abordado, principalmente em Honduras, porque nas universidades nós não contamos com todos os professores com uma formação pedagógica; há professores que são, antes de ser professores, médicos, dentistas, advogados, entre outras profissões. Aí nasce meu interesse por ver como os professores e as professoras, que estão exercendo seu trabalho docente, podem obter uma série de habilidades ou capacidades para poderem ser melhores professores.

Em Honduras há um contexto bastante complexo. Precisamos de professores e professoras que tenham consciência social, desejo de melhorar a docência e que também tenham ferramentas para levar a cabo esse processo educativo, uma vez que, ao longo do tempo, se tem desenvolvido uma docência mais tradicional, em que o docente simplesmente tem que chegar na sala e impor sua ideologia, ou reproduzir um conteúdo. O meu interesse é ver como os professores e as professoras se tornam agentes de trocas

e podem gerar transformações micropolíticas de descompasso no ensino aprendizagem. Essas transformações estão ligadas com o desempenho que pode mostrar o professor, mas também se relaciona com a formação que ele tem, porque sempre encontro, nos cursos de que participo, docentes que me pedem uma receita para ser um melhor professor. Digo que não tenho uma receita, mas o que posso destacar é que, primeiro, é preciso ser um bom ser humano, ser uma pessoa comprometida com a sua profissão, independentemente da desvalorização que sofremos, no caso da profissão docente na América Latina; e, depois, abordar questões meramente instrumentais e também responsabilidades estabelecidas com a instituição.

O primeiro desejo que eu sempre tenho é identificar como o professor e a professora podem sentir gosto pela docência, que não a vejam como uma obrigação, mas como um estilo de vida que os ajude a melhorar também a qualidade de vida de uma sociedade como a hondurenha, que tem muitos problemas sociais, políticos, econômicos, e que nós na Educação Superior podemos transformar essa visão para que nossos estudantes, quando lançarem-se na sociedade, possam promover mudanças macropolíticas. É provável que muitos deles cheguem a ocupar cargos públicos, atuem em organizações e instituições e espera-se que tenham atribuído um sentido à profissão docente, uma boa guia, um bom apoio para promover essas mudanças com maior facilidade ou maior responsabilidade, dado que seus professores lhes apresentaram possibilidade de como podemos transformar. Sendo assim, aí está a tônica de minha investigação, voltada para como os professores e as professoras podem se converter em pessoas de mudanças e como podem transformar a sociedade a fazer outras mudanças micropolíticas desde seu espaço educativo.

**Juliano Agapito:** Tendo em vista nossa intencionalidade de conhecer mais estudos sobre o desenvolvimento profissional docente no Ensino Superior em países da América Latina, o senhor pode contextualizar como se configura esse processo em seu país?

**Eddy Paz-Maldonado:** No caso da universidade onde trabalho, a Universidade Nacional Autônoma de Honduras, o processo de formação permanente/contínua é complexo, porque muitos dos professores e professoras que entram na docência não têm

competências pedagógicas, não têm uma base pedagógica; entram nas salas de aula repetindo modelos que seus professores utilizaram quando eram estudantes. Muitos desses modelos sequer são fundamentados em evidências científicas e reproduzem aspectos que estão defasados ou já passaram de moda, como podemos dizer de um modo popular. O que acontece é que os professores têm dois caminhos na nossa universidade: ou buscam capacitar-se de forma autônoma, participando de cursos externos; ou contam com uma política que é muito recente, uma política de formação de professores que está ligada a três aspectos: primeiro, voltada para os professores jovens, que têm menos de cinco anos de trabalho na universidade, capacitando-os com um programa que se chama “Sou Professor UNAH”.

Esse programa trata de impregnar o compromisso institucional de como um docente não apenas ministra aulas, mas tem também um protagonismo a nível social; segundo, uma formação contínua para os professores que têm de seis a dez anos de profissão; e, uma terceira etapa voltada aos professores que têm dez anos em diante, até os que já estão terminando seus ciclos profissionais. Esse programa tem uma série de cursos ou capacitações e, dentre eles, eu sou criador e fundador de um seminário que se chama “Seminário de Atenção à Diversidade na Educação Superior”, no qual temos dois momentos: o primeiro é para dar apoio para que os professores possam repensar e refletir sobre o que implica ser um professor inclusivo; e o segundo momento é para pensar como podemos atender aos diversos estudantes que ingressam na universidade, porque nossa universidade é uma macro universidade, temos mais de 60 mil estudantes matriculados em todos os *campi* a nível nacional. E para que ocorra isso, faltam processos de formação contínua em cada uma das carreiras, departamentos ou faculdades, porque muitos desses processos também são generalistas e alguns professores não conseguem capacitar-se em certos temas.

Nessa perspectiva, poderia afirmar que a formação de professores na Educação Superior em Honduras é um tema que requer mais importância, porque não se pode contar com programas. Não existem orçamentos ou recursos para colaborar com os professores para capacitar-se, poder preparar-se, pois como mostram as evidências científicas, ter um Doutorado em Educação, por exemplo, não me faz necessariamente

um melhor docente, já que o doutorado me prepara para a pesquisa. Por aqui temos essa concepção de que quanto maior o nível acadêmico – se temos um doutorado, somos professores melhores; mas não é assim, porque a docência vai se constituir no dia a dia da sala de aula e do avaliar-se continuamente como docente.

No momento, trabalha-se em um plano de formação por parte de um instituto da UNAH que se chama Instituto de Profissionalização e Desenvolvimento dos Docentes (IPSD), que promove cursos certificados, seminários ligados à avaliação educacional, atenção à diversidade, prática pedagógica, planejamento acadêmico, entre outros seminários. É um grande esforço que realiza o instituto, mas requer um incentivo mais forte por parte das autoridades para que todos os professores e professoras possam se capacitar. Nós, na universidade, contamos com mais de seis mil professores e professoras que trabalham em todas as carreiras, e nem todos têm uma base pedagógica, e assim temos um problema, porque seguem reproduzindo padrões que mantêm o que tem gerado a exclusão de estudantes. Muitos desses estudantes ingressam na sala de aula e quando se deparam com o desempenho do docente preferem cancelar sua matrícula e abandonar a aula, porque não se gera uma confiança por falta de formação pedagógica e didática, que o professor deveria ter.

**Juliano Agapito:** Professor Eddy Paz-Maldonado, em seu currículo e publicações, identificamos atenção a um processo educacional inclusivo na Educação Superior, desde o reconhecimento e a valorização da diversidade humana até a inclusão dos(as) estudantes com deficiência nos cursos superiores. Sendo assim, é possível explicar sobre o modo como ocorre a formação de professores(as) da Educação Superior em Honduras para que se desenvolvam profissionalmente com a devida atenção à inclusão educacional?

**Eddy Paz-Maldonado:** Começo primeiro mencionando que em Honduras não há clareza sobre o que significa inclusão educacional. Não há clareza a nível de governo, a nível de país e a nível de educação, porque sempre há docentes que perguntam o que é inclusão, o que significa a inclusão, onde podemos ver a inclusão. Na universidade onde trabalho, o Conselho de Educação Superior acaba de aprovar uma política de inclusão e equidade na Educação Superior para a coesão social e, nessa política, nós incluímos o processo de formação docente como elemento necessário para que os docentes possam capacitar-se

em matéria de inclusão, em uma perspectiva ampla, que aborde a todos os coletivos em condição de vulnerabilidade dos que ingressam na universidade. Muitos dos docentes universitários, não por má vontade, mas devido à falta de formação, estão gerando evasão. Inclusive, se vê na universidade que muitos docentes estão estigmatizando os estudantes, discriminando-os por sua vestimenta, sua forma de ser, por suas tatuagens, *piercings*, ou mesmo alguns elementos da moda dos estudantes e isso é parte da falta de conhecimento que têm os professores e as professoras.

Neste ano, na universidade onde trabalho, teremos o “Seminário de Atenção à Diversidade”, que será desenvolvido de maneira igual ao que foi realizado no ano passado. Temos tido experiências com diversos professores e professoras de todas as universidades em Honduras, os quais participaram desse seminário. A partir do ano de 2023, nós criamos um novo modelo para ele, e nesse modelo convidamos professores de Antropologia, Psicologia, Sociologia e Letras para abordar a inclusão por diversas perspectivas. Por exemplo, começamos a dialogar sobre linguagem inclusiva, o que significa uma linguagem inclusiva para evitar a discriminação; começamos a falar sobre o viés antropológico da diversidade, a analisar os direitos humanos ligados à diversidade e, assim, desenvolvemos um seminário multidisciplinar. Acreditamos, contudo, que ainda é pouco o que fazemos, porque são muitos docentes, são muitos centros e não temos a capacidade de focar apenas nesse movimento de formação permanente porque nós, professores que trabalhamos nesse seminário, também damos aula e fazemos essa formação de forma voluntária. Não estamos contratados para nos dedicarmos à formação docente, então fazemos de maneira voluntária. Não temos essa obrigação, fazemos como um suporte, uma responsabilidade de quem está na universidade.

É complexo porque não é um seminário que já esteja institucionalizado. Foi uma iniciativa que surgiu em 2020, ainda no período da pandemia de Covid-19, e que vem se aprimorando. Com essa política, esperamos criar mais instâncias de formação que abordem a inclusão dentro de uma perspectiva ampla, que não veja a inclusão como algo voltado apenas às pessoas com deficiência, como tradicionalmente se tem visto. Com essa visão, entendemos que a formação docente precisa estar em constante fortalecimento e também contar com a vontade das autoridades universitárias, porque se

não tivermos a vontade e o apoio das autoridades, esse processo não vai provocar o impacto esperado em nossa universidade. Muitos docentes esperam que esse programa mude de maneira drástica sua forma de desenvolver o trabalho pedagógico, mas muitos desses programas começam por uma sensibilização, com o conhecimento teórico, para então chegar na prática.

Podemos dizer, de modo geral, que em Honduras, na Educação Superior, não existem ou são escassos, os processos de formação em matéria de inclusão educacional, dado que essa inclusão, em Honduras, continua visualizando-se como um simples discurso. Muitas pessoas falam de inclusão, mas não sabem o que significa. Em investigação que estou realizando com o colega pesquisador Ilich Silva-Peña, pesquisador chileno, advogamos por uma educação inclusiva fundamentada na justiça social e defendemos que se a inclusão não está fundamentada na justiça social, não é inclusão. Dizemos que a justiça social implica no reconhecimento da participação e da distribuição equitativa de recursos, só assim podemos alcançar uma educação mais inclusiva.

**Juliano Agapito:** Haja vista sua discussão acerca de uma formação docente para o ativismo social e político e de suas experiências em relação a esse aspecto, tanto em Honduras quanto no Chile, gostaríamos que nos contasse sobre como se dá, em seu contexto de atuação na Educação Superior, esse ideal de formação para a justiça social.

**Eddy Paz-Maldonado:** Como comentava, a Educação deve estar fundamentada na justiça social, porque a justiça social contribui, primeiro, para reconhecer que temos diversos grupos, diversas pessoas, diversos coletivos em nossas universidades; segundo, oferece espaços de participação aos coletivos ou às pessoas que são parte da comunidade universitária; e, em um terceiro momento, a distribuição equitativa de recursos, que consistirá em oportunidades para toda a comunidade, para que possamos erradicar as desigualdades que existem em nossos países. No caso de Honduras, a ideia de Educação para a justiça social é pouco conhecida, tanto que esse conceito de justiça social tem sido bastante criticado em âmbito internacional porque os grupos de poder não querem ceder certos espaços para que os grupos, os coletivos vulneráveis, possam reivindicar seus direitos.

Honduras também tem feito parte do discurso de ódio que tem sido implantado por governos de ultradireita, como nós tivemos, para os quais a justiça social é uma falácia, uma mentira. Contudo, nós na Educação Superior temos realizado um trabalho relacional com o Chile, onde estudei de 2017 a 2019 e, nesse contexto, conheci o professor Ilich Silva-Peña. Temos realizado um trabalho relacional ligado à ideia de Educação para a justiça social e a pesquisa narrativa, que é uma metodologia que permite que os docentes possam primeiro revisitar sua história e também analisar como se deu o seu desenvolvimento profissional, pessoal e acadêmico. Diante dessa perspectiva, tenho me transformado, em Honduras, em uma espécie de ativista, tanto em nível de investigação, quanto em nível de participação, de forma prática, nos espaços de ensino e de aprendizagem, porque começamos a questionar nosso sistema educativo e propormos mudanças.

Estou comprometido com a universidade, como já mencionei, e realizo muitas ações que não estão em minhas atribuições profissionais, mas faço por um compromisso que me move, para gerar um melhor ambiente, uma melhor qualidade universitária, de educação, e para que todos os coletivos, presentes na universidade, se sintam reconhecidos e possam participar das tomadas de decisão para gerar as transformações que necessitamos em nossa universidade. Em Honduras, as universidades são bastante excludentes, desde o acesso universitário até a promoção na universidade. Em nossa avaliação há muitos obstáculos, não somente pedagógicos, mas de infraestrutura, administrativos e burocráticos, que limitam os discentes para que possam se desenvolver. Diante dessa visão, temos proposto que só uma formação que leve à tomada de consciência do que vivemos em Honduras pode gerar mudanças, porque há muitos docentes que não conhecem a realidade em que vivem os estudantes. Há estudantes que vivem em colônias, onde há muitos problemas sociais, muita pobreza; há estudantes que têm que viajar de ônibus, onde há assaltos diariamente em Honduras. E se um estudante chega na aula e o docente não sabe a odisséia que ele tem que passar para estar ali, vai ser difícil de desenvolver uma educação para a justiça social, porque os docentes têm estabelecido seus critérios a partir de uma posição de privilégio, e é o que nós queremos

erradicar. Queremos que o docente tenha a consciência social e que seja também um agente de mudança.

**Juliano Agapito:** Em suas publicações, o professor menciona o trabalho com a pesquisa narrativa na realização de investigações. Para você, quais as potencialidades da pesquisa narrativa no estudo do desenvolvimento profissional de professoras e professores da Educação Superior?

**Eddy Paz-Maldonado:** Primeiro, é importante compreender as potencialidades que têm a investigação narrativa ou pesquisa narrativa, como se denomina em alguns países da América do Sul. Realizei meu trabalho de mestrado utilizando essa metodologia, o que me permitiu analisar e refletir sobre minhas origens para estudar ou para me converter como professor, desde quando trabalhei na Educação pré-básica, básica, média e, até o momento atual, em que sou professor da Educação Superior em Honduras. Trabalhei em diversas instituições e níveis educativos, e isso me permitiu refletir sobre qual foi o sentido de querer ser professor em um contexto como o hondurenho, onde há tanta desvalorização da profissão docente. Além disso, a pesquisa narrativa é um elemento que nos ajuda a compartilhar histórias, com outros professores e professoras. Essas histórias são comuns, muitas vezes, porque o que nós vivemos, como docentes, também pode estar sendo vivido por professores de outros contextos.

Existe ainda a questão da identidade, pois nos permite desenvolver nossa identidade profissional para exercer o fazer educativo, uma identidade que está bem marcada e que me move a buscar transformações que, em longo prazo, são necessárias de se levar a cabo. A pesquisa narrativa não trata só de contar histórias, porque quando conto uma história, estou colocando na mesa elementos pessoais que podem ser de ajuda para outros professores e professoras que estejam iniciando seu caminho. Quando fiz meu trabalho de mestrado, por exemplo, tive muitos problemas por conta disso, porque me questionavam como uma pesquisa em que você conta sua história vai ser interessante, que valor tem isso? Mas me dei conta de que é algo muito inovador, porque com nossa história também podemos inspirar outros professores e professoras, dizendo a eles que estamos juntos nesse caminho, que também estou vivendo isso no meu país, como estão vivendo no Chile, Brasil, Estados Unidos, Espanha.

Essas vivências se somam com o potencial que tenho para ser um melhor professor, porque quando leio e releio minhas narrativas, ou minhas histórias, começo a recordar e pensar que o compromisso que tenho é grande, que não é simplesmente um trabalho, mas parte de minha vida, de minha história. Graças à docência e à Educação Superior, sou quem sou hoje. A Educação Superior tem me dado muito e, graças a isso, tenho podido derrubar muitas barreiras – de pobreza, de exclusão, de discriminação – e me convertido em uma pessoa melhor, um melhor professor. A investigação narrativa, ou a pesquisa narrativa como podemos chamar, tem elementos bastante contundentes e potentes para poder repensar nossa formação e nosso ensinar na Educação Superior.

**Íris Martins de Souza Castro:** Nos estudos dos grupos de pesquisa que integramos (EDUCAS/UECE e FOPPE/UFSC), e no escopo do dossiê no qual essa entrevista será publicada, temos também como temática de interesse o início da docência. Sendo assim, em relação aos (às) professores(as) em início de carreira na Educação Superior, gostaríamos de saber se em Honduras existe alguma política ou programa que consista em um processo abrangente de desenvolvimento profissional desses(as) docentes.

**Eddy Paz-Maldonado:** A universidade onde trabalho, UNAH, é uma universidade que está facultada constitucionalmente para dirigir, organizar e administrar toda a Educação Superior no país. Nossa universidade é a que preside toda a Educação Superior em Honduras, e todas as demais universidades precisam acompanhar as políticas e a visão que tem nossa universidade. Aqui existe um programa que se chama “Sou Professor UNAH”, que é um programa que convoca professores que têm menos de cinco anos de exercício da docência, que chamamos de professores novos, principiantes, há várias formas de denominá-los, e esse programa inicia com um curso que dura 100 horas e que perpassa todas as questões institucionais, desde a origem da universidade, seu funcionamento, suas dependências, a prática educativa, as avaliações, a avaliação docente, a pesquisa, a vinculação com o meio, com a sociedade, entre outros aspectos.

Depois desse curso, se passa a outra diversidade de cursos. Há curso sobre avaliação das aprendizagens, sobre planejamento didático, sobre práticas pedagógicas, o “Seminário de Atenção à Diversidade”, e assim vão sendo oferecidos cursos em que os professores e as professoras podem se apoiar para melhorar sua prática educativa. Isso é

parte de uma política de formação que tem nossa universidade, mas que lastimosamente, temos que dizer, assim como nosso país, está ligada pelas decisões dos organismos internacionais. Nesse caso, a política de inserção docente recebe fundos da Organização dos Estados Americanos – OEA; não são fundos próprios e é claro que a OEA acaba colocando certas medidas, aspectos, que precisamos seguir.

Já estão falando, na universidade, da criação de um órgão de credenciamento de docentes com base em seus méritos e isso, de alguma maneira, divide opiniões, pois para uns é bom e para outros é ruim, dependendo do enfoque que será dado. Portanto, seguindo essa linha, se inicia a formação do professor iniciante com esse curso, “Sou Professor UNAH”. Quando participei, acontecia todas as sextas-feiras pela manhã, das 08:00 às 12:00 horas, quatro horas todas as sextas-feiras, contemplando diversas atividades. É algo muito interessante, muito bonito, porque esses novos professores podem conhecer a instituição, os projetos que estão sendo realizados, conhecer lugares emblemáticos para a universidade, onde se inicia a formação da identidade e o comprometimento que precisaremos ter para exercer a docência. Depois disso, há diversos programas, com cursos mais pontuais, de um mês, duas semanas, quinze dias, e dessa maneira podemos ter uma visão de como estamos em nosso processo de trabalho. Mas, como eu disse anteriormente, devem ser realizadas ações maiores de formação, uma formação contínua por faculdade seria mais interessante. Há faculdades que estão buscando como capacitar-se continuamente, como resolver o tema da formação docente, porque a docência é uma carreira que quanto mais nos preparamos, parece que menos sabemos; estamos a cada dia aprendendo mais.

**Íris Martins de Souza Castro:** Caso haja algum processo de indução, destinado a professores(as) universitários(as) iniciantes, como ele se estrutura? Esta política ou programa utiliza como estratégia de indução docente a mentoria de professores(as)?

**Eddy Paz-Maldonado:** Sim, eu tenho que mencionar, porque há várias outras coisas. Este [Sou Professor UNAH] é um programa que tem como primeiro ponto a ser trabalhado a identidade docente, o compromisso, isso vem primeiro, mas à parte, a universidade tem um programa que se chama “Comunidades de Aprendizagem”, que são grupos de

professores que trabalham por áreas, para melhorar o seu fazer educativo. Também se trabalha com o tema da mentoria. Há um programa de mentores, no qual os professores com maior experiência fazem mentoria dos professores iniciantes. Essa proposta existe para poder contribuir com os professores e as professoras que estão começando sua carreira docente. A universidade também tem realizado encontros entre as comunidades de aprendizagem, porque há vários desses grupos, em todos os *campi*, e isso tem ajudado um pouco no aprimoramento da prática pedagógica.

Um dos maiores problemas que existem em Honduras, para mim, é a falta da cultura do trabalho coletivo. Estamos sempre nos movendo no individualismo. Essas iniciativas tendem a nos fortalecer e conhecer melhor nossos companheiros e companheiras e como podemos melhorar. Ainda assim, há uma crítica que preciso fazer, sobre o caso de que, às vezes, o fato de uma pessoa ter dez ou 20 anos de docência não significa que tenha experiência positiva para compartilhar. Como dizia um professor que eu conheci há muito tempo, e já faleceu, tu podes ter 25 anos de exercício da docência, mas ter cometido 25 anos de erros, de modo que se transformou em um mestre do erro. Percebo que nesses grupos também há professores que, por terem muitos anos de trabalho, com suas práticas, seus vícios, acreditam que são os donos da verdade e, quando ingressa um professor iniciante, acabam discriminando.

Eu, por exemplo, vivi muita discriminação, porque a idade, em Honduras, tem sido um fator de discriminação, seja por ser muito jovem, seja por ter uma idade avançada. Quando se é muito jovem, dizem que você não tem experiência, não sabe nada, mas quando está mais velho também dizem que já está cansado. Também tenho escutado, notado, quando participo das mentorias e das comunidades de aprendizagem que, às vezes, há professores que têm uma maior carga horária, ou mesmo assumem cargos de liderança, por conta do tempo que têm na instituição e não por suas conquistas, não pelo que tem construído para a docência. Até porque, não adianta eu ter 30 anos de docência e estar há 30 anos reproduzindo relações de poder em sala de aula, me tornando um especialista em relações de poder, diminuindo ou tratando mal os estudantes. Agora, também posso dizer que tenho 30 anos de docência e ainda estou aprendendo, me atualizando, tenho uma perspectiva diferente sobre o ensino. Em resumo, sim, na

universidade há várias iniciativas que discutem a mentoria e as comunidades de aprendizagem. Até havia um programa, mas parece que fecharam, que se chamava “Docente 5 Estrellas” (UNAH, 2024), que são as estrelas de nossa bandeira de Honduras. Esse programa trabalhava mais sobre a parte tecnológica com os professores e as professoras, seu uso para a aplicação de conteúdo. Era um programa interessante, por etapas, mas parece que terminou.

**Íris Martins de Souza Castro:** Professor Eddy, temos bastante interesse em saber quais são os principais referentes teóricos acerca do desenvolvimento profissional docente que o senhor adota em seus estudos e pesquisas, pode nos falar sobre eles? Tem indicações de pesquisadores(as) da América Latina sobre esse tema?

**Eddy Paz-Maldonado:** É uma pergunta bem interessante, porque enquanto vocês a faziam, me vieram à mente todas as leituras que tento realizar. Sempre digo aos estudantes que tenho tentado investigar; me vejo em Honduras como uma pessoa que está tentando, porque cada dia que investigo, mais necessito investigar. No caso específico da formação de professores, tenho lido, por exemplo, Carlos Marcelo, da Espanha; Denise Vaillant, que é uma referência do Uruguai; Ilich Silva-Peña, do Chile, também é um referente que utilizo porque vem estudando uma educação para a justiça social; Zeichner, que fala do tema da justiça social; e, também tenho lido Júlio Diniz-Pereira, do Brasil, da Universidade Federal de Minas Gerais, que é bem interessante em relação a como se trabalha o tema da formação docente. Além disso, tenho utilizado também, ultimamente, autores da temática da educação inclusiva, como Florian, Anabel Moriña, que é uma professora da Espanha; Imaculada Orozco, também da Espanha; Pilar Arnáiz, que trabalha o tema da inclusão na educação, e assim tenho revisado alguns referentes teóricos.

Na América Latina, tenho notado que há muitos pesquisadores e pesquisadoras que estão se dedicando ao tema da formação docente, mas não têm o renome que têm os autores de outros continentes, e isso se dá por conta da desvalorização que existe, são pouco conhecidos porque nossos espaços acadêmicos não lhes dão o devido valor. Apesar disso, tenho me dado conta de que em outros países, principalmente na Espanha, leem muito da América Latina, tal autor, tal livro, inclusive sou interpelado também, por

colocações como “lemos seu artigo e gostamos”, e isso me assombra, porque pensava que eles se centravam mais em seu contexto, mas a verdade é que se lê muito da América Latina, e isso tem levado a abrir mais portas. Tenho percebido, nos últimos tempos, que o desenvolvimento profissional docente não está vendo a parte pedagógica, sinto que também há carreiras, como carreiras das ciências da saúde, em que já estão colocando o foco na formação, dizem: “além de ser médicos, exercemos a docência, queremos ser bons professores e professoras”. Na Argentina, me contactaram, me convidaram para falar um pouco sobre o tema das competências do profissional universitário para atenção à diversidade, e todos e todas eram médicos, neurologistas, estavam interessados e diziam: “somos médicos, mas somos professores, e temos estudantes diversos, e como nós fazemos para atender nosso estudante?”. Isso também é determinante na hora de querer construir espaços mais democráticos.

**Íris Martins de Souza Castro:** A partir de seus estudos e trabalho em Honduras e no Chile, bem como de seu conhecimento em torno do Brasil e dos demais países da região, qual panorama pode traçar em relação ao desenvolvimento profissional docente e à formação de professores na América Latina, seus desafios e possibilidades?

**Eddy Paz-Maldonado:** Considero que devemos repensar. É uma palavra que uso muito. Repensar, a formação docente na Educação Superior porque a cada dia estamos enfrentando mudanças, transformações, não somente com os estudantes, com as autoridades, mas também mudanças que vem vivendo a sociedade, mudanças relacionadas ao clima, mudanças relacionadas com o econômico, com o político, com o social. Essas mudanças eu menciono em um dos meus primeiros artigos em que falo sobre a situação da atenção à diversidade na Educação Superior de Honduras (Paz-Maldonado, 2018), que as mudanças que ocorrem na sociedade impactam diretamente na prática pedagógica.

Por exemplo, nós, a partir de 2019, na universidade onde trabalho, temos tocado as aulas, e fora da universidade há manifestações, protestos onde lançam bombas de gás lacrimogêneo, há enfrentamento entre estudantes e polícia, e nós não podemos estar tranquilos dentro da universidade, desenvolvendo nossas aulas com esse contexto. O que ocorre fora da universidade impacta na prática pedagógica, portanto, um dos desafios

que eu considero importante é que a formação profissional docente deve ser vista como um elemento natural, que o professor ou a professora sente a necessidade de formar-se, porque eu posso ter uma política na universidade e dizer que todos os professores e professoras têm que se capacitar, mas não sei se todos e todas querem fazer isso. Se eu deixo aberto um espaço para que os professores e as professoras possam se capacitar ou se preparar melhor, isso deveria ser um estímulo para que o professor diga: estou me preparando, para quê? Para cumprir da melhor maneira meu trabalho educativo.

Esse é o primeiro desafio. Um segundo é que devemos institucionalizar os programas de formação docente, porque em algumas universidades as ações são feitas de maneira isolada, não há ligação estabelecida para que se cumpra um ciclo. O docente deveria receber acompanhamento durante toda a sua prática educativa, desde o início, quando se insere na docência, até o processo de retirada, no momento de decidir como pode terminar essa etapa e ainda seguir contribuindo, porque mesmo quando encerra seu ciclo na universidade, seus aportes seguem contribuindo com a Educação. Outro desafio é que necessitamos de maiores orçamentos na universidade para cumprir com o processo de formação docente, porque os processos são caros.

Tive uma experiência na nossa universidade, quando se estava precisando de cem docentes em 2017. Não tínhamos tantos docentes especialistas em certas áreas, então nossa universidade criou um programa que se chama “Relevo Docente” (UNAH, 2024). Foi um programa do qual participei, no qual se elegia um professor de uma área específica na universidade, para sair para estudar no exterior, a fim de que quando voltasse ao país passasse a desenvolver uma prática pedagógica nas áreas prioritárias de algumas carreiras, em que não havia professores especializados, a exemplo da Odontologia, Pedagogia e Ciências Sociais. Então, a universidade criou esse programa e financiava os estudos no exterior, visando o retorno para trabalhar na universidade, já capacitado com seu título, seu diploma. Ou seja, o tema econômico é importante.

Outro, também importante, é a correlação entre teoria e prática, porque muitos desses cursos são mais teóricos, mas quando o docente vai para a prática, se dá conta de que há coisas que não consegue desenvolver, e essa correlação deve estar instaurada no processo de formação docente. Outro grande desafio também é como constituir um

corpo acadêmico mais comprometido, com maior responsabilidade, como motivar os professores e as professoras, por exemplo, nesse contexto da América Latina, que tem muitos problemas sociais. Muitos docentes dizem: “eu vou sair, porque tem muitos problemas”, ou seja, abandonam a universidade, e isso também repercute negativamente. Temos que ver como atrair mais docentes, motivá-los para que se mantenham desenvolvendo a prática pedagógica e se atualizando, não vendo só como um trabalho, mas como eu dizia, como um estilo de vida. Esses são os grandes desafios que eu posso mencionar e isso nos abre possibilidades também, para ter uma universidade que escute a demanda dos professores, porque se as autoridades não escutam o que os professores estão vivendo, estão atuando de modo incompleto.

Nós, desde a pandemia até o ano passado, passamos por momentos em que as autoridades não ouviam nada do que estavam dizendo os professores. Era como se nós falássemos e eles dissessem: “isso não nos importa”. Havia salas de aula em que estava entrando água, porque havia goteiras em função da chuva, assaltos dentro da universidade, problema de manejo de resíduos, faltava mobiliário, equipe e até conexão de internet. Nessas condições, para muitos é mais fácil dizer: “eu não vou continuar, vou sair da universidade”, e vão embora. Porém, nós que estamos comprometidos com a universidade, dizemos: “vamos seguir, independentemente do contexto no qual estamos atuando”. Trago minha experiência, nós não recebemos tanto apoio institucional, recursos como cópias, livros, temos que comprar tudo isso e passar para os estudantes, fazer cópias para os estudantes. Essa omissão, de não escutarem as necessidades, gera um confronto entre autoridades e docentes, pois não estão em sintonia, não estão trabalhando de maneira conjunta.

Outra possibilidade também se abre para que a figura do docente não seja avaliada apenas por sua atuação, porque estou vendo que muitos estudantes buscam os docentes, mas eles estão sempre correndo. Vivemos em um contexto em que os docentes estão sobrecarregados de trabalho na universidade. Mesmo quando o docente é comprometido, quando se dedica para que os estudantes aprendam um pouco mais e para que construam conhecimentos mutuamente, acontece, às vezes, um certo rechaço por parte dos estudantes, uma descrença no seu potencial, e chegam a dizer: “o

professor tem muita expectativa em nós”. Eu também passo por isso, porque tenho muita expectativa nos meus estudantes. Como muitos deles vivem processos de bastante discriminação e exclusão, o docente passa a criar expectativas que não são altas, e isso faz com que os estudantes não creiam no que estamos fazendo, porque se eu creio no que estou fazendo, estou seguro de que meu estudante vai se desenvolver da melhor maneira naquilo que eu estou tratando de construir com ele. Mas se eu não creio na minha universidade, não creio no diálogo, não tem sentido continuar trabalhando.

Se não creio nessas mudanças, não estou nem aí para modificar questões que já estão estabelecidas. Há ainda muitos elementos que temos que ir revisando para poder desenvolver uma formação docente com compromisso, uma formação docente centrada na justiça social e uma formação docente que contribua para mudar, não somente o técnico, o pedagógico, o didático, mas também transformar e refletir sobre o que temos como professores na Educação Superior.

**Íris Martins de Souza Castro:** Com base em tudo o que conversamos, e na direção do encerramento dessa entrevista, pode nos dizer o que compreende por desenvolvimento profissional docente, como constrói este conceito?

**Eddy Paz-Maldonado:** Eu concebo o desenvolvimento profissional docente não por uma visão instrumentalista, mas uma visão mais prática. O desenvolvimento profissional docente não está centrado apenas no que sabem, nem no que podem fazer, mas está também centrado em como o professor ou a professora pode resolver certos problemas, certas ações, porque eu como professor não posso sentar e esperar que as autoridades resolvam os problemas que existem. Nesse caso, o que falo é em pensar sobre como me converto em um agente que analisa essas mudanças, essas transformações. Nessa perspectiva, creio que esse conceito deve ser analisado de uma visão mais prática do que teórica. Claro, é importante ter uma base teórica, um arcabouço teórico para a leitura, para um diagnóstico, mas a meu ver é prático. Deveríamos focar mais em como possibilitarmos que os professores e as professoras possam desenvolver uma prática educativa com mais coesão, com mais valor.

Esse desenvolvimento profissional também implica não só em um componente técnico, mas também em um componente ético, um componente moral, um componente ligado aos direitos humanos, com sensibilidade, com o compromisso, responsabilidade também com a justiça social. Nessa perspectiva, eu vejo o desenvolvimento profissional docente como aquele desenvolvimento que faz alusão a uma série de aspectos ligados com o tema pedagógico, mas em uma visão centrada no que é a justiça social, e que possibilite então desenvolver uma aula mais inclusiva.

**Íris Martins de Souza Castro:** O professor gostaria de deixar algumas palavras sobre as temáticas levantadas, ou outros tópicos que considere relevantes?

**Eddy Paz-Maldonado:** Creio que é importante, como dizia Freire, esperançarmos. Esperançarmos em um contexto Latino Americano tão convulsionado, um contexto Latino Americano carregado de muita história negativa, de injustiça. E temos também, sempre que não tivermos forças, sempre que pensarmos em abandonar o caminho, pensar nas possibilidades que temos como professores e professoras de realizar transformações em nossos países, e que nossos países precisam de nosso trabalho para poder se converter em lugares de desenvolvimento, em lugares mais inclusivos, em sociedades que tenham uma cultura de paz, uma cultura que permita o respeito aos demais, o respeito à sua natureza, à sua humanidade.

Assim, me dou conta de que, nós, professores e professoras, fazemos um grande trabalho na academia, e por isso convido a todos os professores da América Latina que sigamos lutando nesse caminho, pois nossa maior recompensa será ter contribuído com o desenvolvimento de nossas nações, e que não nos cansemos, porque algum dia essa mudança vai chegar, que continuemos lutando cada dia, cada manhã, cada noite, dando o melhor por nossos países.

**Juliano Agapito:** Novamente, queremos agradecer o aceite para participar desse momento e da publicação da entrevista e, principalmente, pela contribuição que tem trazido ao debate sobre o desenvolvimento profissional docente na Educação Superior na América Latina.

## Referências

PAZ-MALDONADO, Eddy. *La formación del profesorado universitario para la atención a la diversidad en la educación superior*. **IE Revista de Investigación Educativa de la REDIECH**, v. 9, n. 16, 2018, p. 67 - 82. Disponível em: [https://www.rediech.org/ojs/2017/index.php/ie\\_rie\\_rediech/article/view/108](https://www.rediech.org/ojs/2017/index.php/ie_rie_rediech/article/view/108). Acesso em: mar./2024.

SILVA-PEÑA, Ilich; PAZ-MALDONADO, Eddy. *Formación docente para la justicia social desde la perspectiva emocional: Indagaciones narrativas en el contexto de la revolución del torniquete*. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, v. 94, n. 33.3, 2019, p. 195-212. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/RIFOP/article/view/75652>. Acesso em: mar./2024.

UNAH. Universidade Nacional Autônoma de Honduras. **Programa Docente 5 Estrellas**. Disponível em: <https://formaciontic.unah.edu.hn/empleados/docentes-2/docentes/>. Acesso em: ago./2024.

UNAH. Universidade Nacional Autônoma de Honduras. **Programa Relevó Docente**. Disponível em: <https://relevodocente.unah.edu.hn/acerca-de/generalidades/>. Acesso em: ago./2024.